




## O potencial de significados de representações visuais de cavalos domésticos no jornal O Estado de S. Paulo

Potential meanings of visual representations of domestic horses in O Estado de S. Paulo newspaper

**Cláudia Sofia Leschonski** – Universidade de Sorocaba (UNISO) | Sorocaba | São Paulo | Brasil | [claudia.lesconski@prof.uniso.br](mailto:claudia.lesconski@prof.uniso.br) |

**Maria Ogécia Drigo** – Universidade de Sorocaba (UNISO) | Sorocaba | São Paulo | Brasil | [maria.drigo@prof.uniso.br](mailto:maria.drigo@prof.uniso.br) |

 <http://orcid.org/0000-0002-5123-0610>

**Resumo:** Este artigo apresenta resultados de pesquisa que tem como tema o potencial de significados postos em circulação no *bios* midiático por representações visuais de cavalos domésticas. Com os objetivos de explicitar o potencial de significados gerados por representações visuais desses animais e avaliar se eles podem levar os intérpretes à resignificação de suas crenças sobre cavalos a ponto de se sensibilizarem com o bem-estar dos mesmos, tratamos do conceito de *bios* midiático, conforme Sodré (2006) e dos problemas advindos da noção de representação, para a comunicação, conforme Sfez (2007), bem como selecionamos uma representação visual – que será analisada na perspectiva da semiótica peirceana –, da amostra composta por representações visuais veiculadas no jornal O Estado de S. Paulo, do ano de 2016, que foram classificadas em cinco categorias: Cotidianidade, Produtos midiáticos, Publicidade, Olimpíadas Rio2016 e Turismo. Tais reflexões são pertinentes à comunicação por enfatizarem a importância da interpretação de representações visuais e assim contribuir para a construção de novos olhares para os processos de produção nas mídias, em geral, notadamente os que envolvem tais representações.

**Palavras-chave:** *Bios* midiático. Representação visual. Interpretação.

**Abstract:** This article presents the results of a research about the potential of meanings of visual representation of domestic horses that are acting in the mediatic *bios*. The goals are detailing potential meanings generated by these animals' visual representations and to evaluate if these may lead interpreters towards of resignifying of their beliefs about horses, to the point of becoming concerned about their well-being. The concept of mediatic *bios* is explained according to Sodré, and communication problems that may arise with notions of representation are discussed along Sfez's arguments). A selection of images published in O Estado de S. Paulo newspaper during 2016 was chosen for analysis of visual representation according to peircean semiotics. These sample images were classified into five categories: Everyday life, Mediatic products, Publicity, Rio2016 Olympics, and Tourism. These reflections are pertinent to communications due to the emphasis they put on the importance of visual representations' interpretation, thus contributing towards the construction of new ways of looking at media production processes in generally, and especially those involving these representations.

**Keywords:** Mediatic *bios*. Visual representation. Interpretation.



 <http://dx.doi.org/10.22484/2318-5694.2019v7n16p54-74>

Recebido em setembro 2019 – Aprovado em outubro 2019.



## 1 Introdução

Este artigo apresenta resultados de pesquisa que se dedica às representações visuais de cavalo doméstico, tais como desenhos, figuras, fotografias, reprodução de imagens cinematográficas, de games e de outros produtos midiáticos. Valores reinantes no nosso meio – o *bios* midiático, conforme Sodré (2006) – e vinculados ao cavalo doméstico, no caso, são postos em circulação por tais produtos e, em certa medida, com isso, os intérpretes constroem e reconstróem a imagem desse animal, bem como podem se sensibilizar quanto ao bem-estar do mesmo. A referida pesquisa, contemplando o jornal impresso, buscou averiguar em que medida os significados gerados pelas representações visuais de cavalos domésticos, veiculadas no jornal O Estado de S. Paulo, de 2016, contribuem para que as pessoas se sensibilizem quanto ao bem-estar dos mesmos.

As representações visuais foram coletadas no acervo online do jornal O Estado de S. Paulo, dia por dia, no ano de 2016. Coletamos trinta e oito representações visuais, classificadas em cinco categorias, que listamos a seguir, com a quantidade de representações visuais nelas alocadas: Cotidianidade: sete; Produtos midiáticos: quatro; Publicidade: onze; Rio2016: dez e Turismo: seis representações visuais. Escolhemos o jornal O Estado de S. Paulo pela sua diversidade editorial e pelo seu vínculo com o meio equestre, pois até os anos 1990, o jornal tinha uma seção diária sobre o turfe. Um dos símbolos deste periódico é a figura do “jornaleiro a cavalo”, que consta em seu editorial. A opção pelo ano de 2016, para seleção das representações visuais de cavalos domésticos, deu-se por ser esse o ano das Olimpíadas do Rio, o que permitiu intuir a possibilidade de haver maior quantidade de imagens para os esportes equestres, nas páginas dedicadas à cobertura dos Jogos Olímpicos.

Neste artigo, apresentamos um breve estado da arte sobre as pesquisas envolvendo o cavalo doméstico, reflexões sobre midiatização, sobre o conceito de *bios* midiático e da relação comunicação/representação



e, por fim, a análise semiótica de uma das representações visuais da amostra selecionada. Isto para explicitar, inicialmente, o potencial de significados da representação visual selecionada da amostra mencionada e, em seguida, enfatizar se há aspectos que podem ou não sensibilizar os leitores em relação ao bem-estar do cavalo doméstico. Consideramos que as reflexões são pertinentes à comunicação por enfatizar o potencial de significados engendrados em uma representação visual que, em certa medida, do corpo ao *bios* midiático, podendo assim contribuir para a construção de novos olhares para os processos de produção nas mídias em geral, principalmente aqueles que envolvem representações visuais, tanto para o intérprete como para os produtores. Iniciamos com comentários sobre pesquisas que envolvem representações visuais do cavalo doméstico.

## **2 Sobre pesquisas com representações visuais do cavalo doméstico**

Em busca, no banco de dissertações e teses da CAPES, em 2017, com o descritor “cavalo”, encontramos 773 trabalhos, principalmente da área de Ciências Agrárias, Biológicas, Linguística, Letras e Artes e Ciências Humanas.

Uma pesquisa, entre inúmeras que abordam as representações de cavalo, na cultura popular, Maior Júnior (2014), em *Da boca da noite à barra do dia: as representações do cavalo marinho: o caso do boi ventania de Feira Nova – PE*, tem como objetivo a compreensão das diferentes representações do Cavalo Marinho, tomando como corpus publicações acadêmicas, bibliografia folclórica e narrativas de atores sociais envolvidos nessa manifestação cultural. O Cavalo Marinho, nesse contexto, é uma manifestação artística de tradição oral que contém música, dança, poesia e encenação de figuras, típica das cidades do Agreste Setentrional e Zona da Mata Norte, de Pernambuco. Em relação à nossa pesquisa, esta documenta que representações do cavalo compõem a nossa cultura.



Kane (2004), em *The Archetypal Mythology of Horses*, descreve como o cavalo retrata os principais arquétipos junguianos. A simbologia do cavalo é revista desde o período paleolítico até as atuais produções de cinema e televisão. As representações artísticas e significados culturais do cavalo são descritas em face de conceitos, tais como animus e anima, sombras (clara e escura), o *trickster*, e demais, incluindo conotações folclóricas e culturais destas simbologias. É mostrado também como estes significados se repetem de maneira ubíqua em sociedades humanas de diversas eras e continentes, reforçando o *status* arquetípico do cavalo.

É importante ressaltar que o cavalo, para Jung (1991), representa a parte psíquica do inconsciente. Ele enfatiza a presença desse animal no folclore e explica que há os cavalos denominados clarividentes e os clariaudientes, que podem falar, inclusive. É um arquétipo de mãe por ser um animal de carga e, por ser inferior ao homem, representa também o ventre e o mundo instintivo. O cavalo é veículo e *dynamis* (palavra que pode ser traduzida por força, poder), o que significa que somos levados por ele como que por impulso, podendo provocar pânico, justamente por faltarlhe a consciência humana. Ele nos remete ao mundo da magia, ao irracional.

Neste sentido, Hofstetter (2009), em sua tese de doutorado *Lyrical Beasts*, faz um retrospecto da representação cultural e midiática, na sociedade anglo-americana, desde o século XIX até os dias atuais, argumentando em favor da importância única do cavalo na formação cultural daquela sociedade. Na análise, não apenas de produções cinematográficas, mas também de literatura best-seller de várias épocas, são feitas considerações sobre a nostalgia por valores tradicionais, atribuídos simbolicamente ao cavalo, assim como sobre as associações de gênero com a dicotomia entre caubóis do oeste e as Amazonas de salto da costa leste, nos Estados Unidos. A autora identifica nostalgia pelo passado no sucesso de produções cinematográficas recentes retratando cavalos.



Lima (2015), em *Cada doma é um livro: a relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandense*, com uma pesquisa etnográfica, investigou sobre a relação entre humanos e animais no pampa, isto é, a interação estabelecida entre os domadores e os cavalos na doma. Esclarece o autor que, nessa interação, o domador é o artífice que possui a habilidade das técnicas de ensinar cavalos para atividades relacionadas aos trabalhos que envolvem a pecuária extensiva e trata-se de um saber/fazer em que o cavalo aprende formas de comunicação com o humano. Esta tese mostra como os simbolismos referentes ao cavalo são resgatados no cotidiano.

As interações do ser humano com o cavalo também são contempladas, tanto do ponto de vista técnico, quando relacionadas às práticas esportivas, como na área da saúde, ao introduzir terapias envolvendo esses animais. Selecionamos algumas que se aproximam da nossa pesquisa por envolver relações entre pessoas e o animal.

Menezes (2016), em dissertação intitulada *Vibrações de corpo inteiro na interface cavalo-cavaleiro em situações dinâmicas*, partiu do pressuposto de que indivíduos em posição de montaria são expostos às vibrações transmitidas pela andadura do cavalo pelo contato entre o acessório de montaria e a pessoa, para analisar a magnitude das vibrações de corpo inteiro (VCI) na interface cavalo-cavaleiro em situações dinâmicas.

Alves (2015), em *Corpo e linguagem na equoterapia: uma leitura psicanalítica*, observou a relação estabelecida entre o praticante, o mediador e o cavalo, na prática equoterapêutica, sob a perspectiva psicanalítica, com o propósito de contribuir para a compreensão do processo equoterapêutico. A prática, nessa pesquisa, envolveu sujeitos com dificuldades de subjetivas, em particular, nos processos de escolarização.

Quanto ao bem-estar animal, em artigo intitulado *Benefícios econômicos do bem-estar animal: estudo de caso*, Lima (2017) correlaciona as práticas voltadas ao bem-estar animal em criação, manejo e treinamento de equinos à relação custo-benefício das mesmas. Através da análise de dados coletados em estabelecimentos equestres, o autor reforça a tese de



que condições de vida próximas das naturais são mais saudáveis para os cavalos, diminuindo a incidência de doenças e lesões, portanto, diminuindo o custo de produção. Os resultados obtidos por Lima (2017), contrariamente ao que as pessoas não envolvidas no meio equestre possam pensar, apontam que a qualidade de vida de cavalos mantidos a pasto em fazendas pode ser muito melhor do que a daqueles animais contidos em baias de sofisticados estabelecimentos equestres.

A equideocultura – significando criação e comercialização de cavalos, jumentos e muares para esporte, lazer e representação – ainda que não seja, em geral, empreendida visando lucro financeiro como primeiro objetivo, ela gera empregos e movimentação grande volume financeiro. Existem, no Brasil, torno de cinco milhões de equídeos, e o setor movimentação em torno de 16 bilhões de reais por ano, gerando 607 mil empregos diretos, em dados de 2015/2016 (MINISTÉRIO..., 2016).

Com as pesquisas apresentadas, podemos constatar que os cavalos domésticos estão presentes em uma grande variedade de produtos midiáticos. O potencial de sentidos gerados por tais representações coloca as crenças, o imaginário, bem como as imagens de cavalo em movimento no pensamento do intérprete que, desse modo, é capaz de ressignificá-las. Vejamos como pode se dar tal movimento. Para tanto, apresentamos, em seguida, aspectos teóricos e metodológicos que permitem explicitar tal movimento.

### **3 Sobre midiatização e o *bios* midiático**

A revolução tecnológica, conforme Martín-Barbero (2006), não só trouxe uma grande quantidade de máquinas como também introduziu um novo modo de relação com os processos simbólicos, que constitui o cultural, com as formas de produção e distribuição de bens e serviços. A mediação tecnológica não mais é um instrumental, mas constrói novos modos de percepção, de linguagem, de sensibilidades.



Ainda em relação à midiatização, Braga (2012, p. 32) esclarece que:

No âmbito da Comunicação, o surgimento de uma “mídia de massa” na forma de indústria cultural tornou-se objeto de estranhamento social: uma sociedade vista como massificada passava a ser mediada por processos informativos e de entretenimento não-habituais, subsumidos a setores sociais dominantes, não controlados pela sociedade em geral. Como consequência desse elemento mediador, implantado como um “corpo estranho”, criava-se a impressão de uma exposição “direta” da sociedade à mídia, como entidade passiva diante de um potencial homogeneizador.

Enfatiza ainda, que nos anos de 1980, Martín-Barbero traz à tona a discussão do papel do receptor nos processos comunicacionais, deslocando o estudo das comunicações massivas dos meios para as mediações. Ao tratar da sociedade em midiatização, Braga (2012) explica que nesse contexto, não são os meios, ou as tecnologias, ou ainda a indústria cultural que produz os processos, mas os sujeitos e as instituições que acionam tais processos. O estudo da midiatização corresponde, portanto, a explicar:

[...] experiências sociais de produção de circuitos e de dispositivos interacionais para, através das percepções aí obtidas, identificar os riscos, os desafios, as potencialidades e os direcionamentos preferenciais; procurando perceber como estão se encaminhando as mediações comunicativas da sociedade e – sempre que relevante – tentando incidir praxiologicamente sobre elas. (BRAGA, 2012, p. 50).

Conforme Sodré (2006), há nem tanto tempo, o medium, enquanto canal ou veículo, era inerte na comunicação. Mas, a mídia virtual, em todas as suas dimensões, gerou interatividade a ponto de esmaecer possíveis divisas entre emissor e receptor. Ele adverte que a nova ordem cultural é simulativa e que, em certa medida, considerando-se a singularidade do ser humano, há pesquisadores que se mobilizam numa perspectiva ética, política e mesmo antropológica, para viabilizar a compreensão dessas transformações socioculturais.





Para tanto, o próprio pesquisador, partindo de concepções aristotélicas, propõe a existência de uma nova ambiência permeada pelas mídias. Aristóteles, conforme Sodré (2006), concebia três formas de existência humana, três *bios*. O *bios theoretikos*, na qual predominava a vida contemplativa, que demandava o aperfeiçoamento da pessoa por meio de estudos, da prática de religião; o *bios politikos* que regia a vida política, com conflitos na sociedade, no trabalho e o *bios apolaustikos*, na qual prevalecia a vida prazerosa, o culto às artes, aos esportes, aos sentidos. Atualmente, a estas três dimensões, que continuam existindo, tal como propõe o pesquisador, soma-se um quarto *bios*, que ganha importância, mesclando-se aos anteriores e até os suplantando de algumas maneiras. É o *bios* midiático, que traduz uma existência pelas mídias, pelos meios de comunicação, especialmente as plataformas digitais.

Outro aspecto que precisa ser abordado é a relação entre representação e comunicação. É preciso explicitar como podemos conceber a comunicação diante da possibilidade de se ter acesso ao conhecimento, em linhas gerais, via representação. Nesse sentido, consideramos pertinente refletir sobre a proposta de Sfez (2007). Há nessa obra um pensamento – um tanto quanto radical – mas que pode ser relativizado e posto no fluxo do pensamento que fundamenta a nossa pesquisa.

Sfez (2007) enfatiza que nunca se falou tanto de comunicação como nos dias atuais. Esclarece que, entre os gregos e nas cidades cristãs, o fundamento da sociedade era a comunicação. Em seguida, figuras que permitiam situar-se no mundo desapareceram. “Deus, a História, esse deus laicizado, as antigas teologias fundadoras das grandes figuras simbólicas, tais como a Igualdade, a Nação, a Liberdade, desapareceram como meios de unificação.” (Sfez, 2007, p. 12).

Pois nessa brecha, como explica o autor, a comunicação nasce “como desesperado empreendimento para ligar análises específicas, meios extremamente estanques. Como uma nova teologia, a teologia dos tempos modernos, fruto da confusão de valores e de fragmentações impostas pela



tecnologia". (Sfez, 2007, p. 12-3). Ao tratar da comunicação, ele propõe três metáforas: máquina, organismo e tautismo –, que correspondem a três visões de mundo, que permitem classificar a comunicação, respectivamente, em: representativa, expressiva e confusional, traduzidas pelos termos: representar, expressar e confundir. A proposta do autor para a interpretação é bem-vinda para este artigo, pois resgatamos, entre outros aspectos, os simbolismos engendrados na representação visual, o que leva a comunicação para além das entranhas do sujeito.

Vejamos, a seguir, o que a representação visual do cavalo revela. Selecionamos uma representação visual, alocada na categoria turismo para analisar, na perspectiva da semiótica peirceana.

#### **4 Análise da representação visual**

A análise semiótica de um objeto qualquer, que pode ser signo, na perspectiva da semiótica peirceana, busca explicitar possíveis interpretantes. Uma representação visual de cavalo doméstico é o objeto que será analisado neste artigo. Para tanto, faz-se necessário lançar para tal objeto, três tipos de olhar: contemplativo, observacional e generalizante. Eles, respectivamente, captam dos objetos seus aspectos qualitativos, referenciais e os relativos às leis, regras ou normas compartilhados na cultura do intérprete. As estratégias de análise foram elaboradas a partir da gramática especulativa, um dos ramos da semiótica peirceana, tal como propõe Santaella (2002). Essa parte da semiótica ou lógica nos fornece as definições e classificações para análise de todos os tipos de linguagens.

Além de nos fornecer definições rigorosas do signo e do modo como os signos agem, [...] contém um grande inventário de tipos de signos e misturas sígnicas, nas inumeráveis gradações entre o verbal e o não verbal até o limite do quase-signo. Desse manancial conceitual, podemos extrair estratégias metodológicas para a leitura e análise de processos empíricos de signos (SANTAELLA, 2002, p. XIV).



Conforme explicam Santaella (2002) e Drigo e Souza (2013), o primeiro olhar permite capturar os aspectos qualitativos que, no caso, são os vinculados às cores, às formas, às linhas e às texturas, ou arranjos desses elementos, seguido de um olhar mais atento e diferenciador, que permita distinguir esses aspectos para facilitar a generalização. Ao segundo olhar, cabe buscar pistas que levam o intérprete para existentes, para aspectos da realidade em que o objeto está inserido e, o terceiro olhar, busca os simbolismos que impregnam o objeto e, de certo modo, está vinculado ao contexto cultural do intérprete. Com a análise é possível elencar possibilidades interpretativas do signo, antes que seja de fato interpretado por alguém, em determinado lugar e momento, ou seja, exibimos um rol de interpretantes para as representações visuais. Com isso, vislumbramos a possibilidade de verificar se essa seara de significados permite refletir sobre o bem-estar dos cavalos domésticos.

Vejamos os significados engendrados pela representação visual (Fig. 1).

Figura 1 – Os cavalos brancos e a realeza britânica.



Fonte: Reprodução de peça publicitária veiculada no jornal O Estado de S. Paulo, de 17 de maio de 2016, p. 39. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20160517-44772-nac-39-via-d1-not>. Acesso em: 10 jan. 2017.



Na perspectiva da semiótica peirceana, a representação visual (Fig. 1) é um signo, pois está no lugar de um objeto, no caso, de um evento envolvendo a família real britânica. Por sugerir, apresentar ou representar aspectos dessa realeza, de modo geral, tal representação visual – reprodução de uma fotografia – pode provocar efeitos no intérprete. Tais efeitos são denominados interpretantes e a natureza deles, emocional, reativa ou argumental, depende de aspectos engendrados na própria materialidade da representação visual, bem como da experiência colateral do intérprete. São eles os aspectos qualitativos, os referenciais – que remetem a existentes – e os compartilhados culturalmente, leis, regras e normas.

O objeto imediato deste signo compõe-se com aspectos do evento – a Revista da Bandeira – que constam da representação visual. No entanto, a experiência colateral do intérprete contribui para resgatar outros aspectos do objeto dinâmico, que envolve a família real britânica e conhecimentos sobre a monarquia entre outros. Tais aspectos podem ser reavivados na ação da representação visual como signo, na semiose envolvendo tal representação.

Em relação à representação visual (Fig. 1), podemos conjecturar que o olhar do intérprete pode ser atraído pelo ponto de fuga, construído com a simetria dada pelas linhas retas, ornadas pelo verde das árvores, idênticas, e pelas bandeiras da Inglaterra, dispostas lado a lado, que culminam em um arco de um edifício, ao final da alameda. Esse jogo de cores e formas constitui o plano de fundo da fotografia. Num primeiro plano, a trajetória retilínea (do olhar também) é rompida pela carruagem, conduzida por um condutor e pelos cavalos brancos, que iniciam uma trajetória em curva. A simetria e o jogo contínuo de cores contribuem para que o olhar contemplativo do intérprete permaneça na representação visual, ainda que por uma fração mínima de tempo. Tais aspectos qualitativos geram efeitos vinculados à harmonia, à leveza, à sofisticação. Os dois cavalos tordilhos brancos, que são o ponto focal da fotografia estão bem próximos um do



outro, chamam a atenção pela beleza. Os olhos dos animais não são visíveis por conta dos tapa-olhos que são parte de seu equipamento, mas sua linguagem corporal, com movimentos simétricos e cabeças próximas, mostram que se sentem confortáveis próximos um do outro, como é natural para as parelhas: nome dado às duplas de cavalos que trabalham juntas na atrelagem. A leveza dos movimentos dos animais e as associações afetivas como pureza, harmonia e divindade, possíveis com a brancura, contribuem também, podendo levar o intérprete à contemplação. Assim, se o intérprete se perder por uma fração de instantes nos efeitos dessas qualidades, a representação visual, embora prevaleça como sinsigno, pois é um existente, levam o intérprete à contemplação, que instaura um nível de consciência frágil, distante do autocontrole. Nesses instantes, a mente pode permanecer ao sabor de conjeturas e os efeitos são os emocionais.

Mas, é bem possível que o olhar observacional prevaleça. Ele busca índices. São eles: as bandeiras da Inglaterra enfileiradas, o batalhão de Guardas do Palácio de Buckingham em seus tradicionais chapéus altos de pele de urso, a alameda desembocando no palácio, e principalmente o próprio casal real, Rainha Elizabeth II e o Príncipe Phillip, na carruagem em primeiro plano e também a princesa Anne, montando um cavalo escuro, logo atrás da carruagem e à direita na imagem. São todos índices que remetem o intérprete à família real inglesa. A representação visual prevalece, portanto, como sinsigno, mas, nestes momentos, os efeitos são os de constatação, identificação. Trata-se de um evento com a família real inglesa. O intérprete pode interromper a semiose.

Mas, a experiência colateral do intérprete, diante das pistas elencadas, pode contribuir para que os simbolismos atrelados ao cavalo, entre outros, sejam reavivados, o que permite que novos efeitos ou interpretantes sejam gerados. É o momento do olhar generalizante, capaz de lidar com regras, normas e ideias, no caso, compartilhadas culturalmente. Vejamos aspectos dessa experiência colateral, considerando-se que estamos numa simulação.



O analista coloca-se no lugar de inúmeros intérpretes para assim deslindar possíveis movimentos da representação visual, como signo.

Eventos equestres e envolvendo cavalos sempre estiveram presentes no processo de construção da imagem da família real britânica. A representação visual (Fig. 2) é um bom exemplo disto.

Figura 2 - Desfile de Coroação de Charles II.



Fonte: Reprodução do desfile de coroação de Charles II, aprox. 1660. Disponível em: <http://www.pennsburymanor.org/wp-content/uploads/2012/02/Coronation-Procession.jpg>. Acesso em: 20 ab. 2018.

Segundo Clayton (1987), há muitas evidências de que a maioria dos integrantes da família real foram e são verdadeiros apaixonados por cavalos. A Rainha Mãe e sua filha Elizabeth II foram turfistas. Os Príncipes Philip e Charles jogaram polo. A princesa Anne foi campeã europeia de CCE (Concurso Completo de Equitação) em 1971, e também a primeira integrante da família real inglesa a fazer parte de uma equipe olímpica, na mesma modalidade. A filha de Anne, Zara Tindall, é ativa nos níveis máximos do mesmo esporte, tendo conquistado a medalha de prata por equipes nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012. Tanto o Duque de Edimburgo quanto sua filha Anne foram presidentes da FEI, Federação Equestre Internacional, e, portanto, figuras de proa do esporte equestre internacional, respectivamente nos períodos de 1964 a 1986 e de 1986 a 1994. Esta preferência pessoal coincide com a função cerimonial que os cavalos sempre desempenham nos rituais da monarquia, de casamentos a funerais (Fig. 2, Fig. 3 e Fig. 4).



Figura 3 – Funeral da Rainha Vitória, 1901.



Fonte: Reprodução de fotografia. Disponível em: <https://womanandhersphere.com/tag/queen-victorias-funeral/>. Acesso em: 20 abr. 2018.

Figura 4 – Casamento de Charles e Diana, julho de 1981.



Fonte: Reprodução de fotografia. Casamento de Charles e Diana, julho de 1981. Disponível em: <https://tuesdayshorse.wordpress.com/2012/08/31/princess-diana-in-the-company-of-horses/>. Acesso em: 20 abr. 2018.

Os desfiles envolvendo membros da família real britânica, ao longo de séculos, tanto em sua coreografia quanto no que se refere aos trajes dos personagens principais, dos uniformes e equipamentos, são preparados com rigor. Algumas das carruagens têm séculos de existência. No site oficial da Família Real há explicações sobre as cocheiras, os cavalos e as carruagens, bem como sobre o cuidado dispensado aos equipamentos e aos cavalos. Ressaltamos o cuidado que a família real britânica dispensa aos cavalos e observando a representação visual podemos enfatizar que eles

Tríade, Sorocaba, SP, v. 7, n. 16, p. 54-74, dezembro 2019



nos encantam pela beleza e destreza, no entanto, como mencionamos, conforme Lima (2017), a qualidade de vida dos cavalos que são mantidos a pasto no meio rural pode ser muito melhor do que a dos animais que permanecem em baias de estabelecimentos equestres.

A Cocheira Real é parte do setor do Lorde Camareiro, administrada pelo Cavaleiro da Coroa. A Cocheira Real estabula 30 cavalos de atrelagem e tem 38 funcionários, incluindo auxiliares fardados, condutores e motoristas. Há duas raças de cavalos na Cocheira Real, Tordilhos de Windsor e Castanhos de Windsor (a maioria dos quais são Cleveland Bays). Há mais de cem carruagens na coleção, ainda que nem todas sejam mantidas no Palácio de Buckingham. Todos os arreios necessitam de limpeza e polimento regulares, que são tarefa da equipe da Cocheira Real, em adição a suas outras responsabilidades<sup>1</sup>.

Os cavalos brancos engendram uma simbologia associada ao poder do sol. Conforme Chevalier e Gheerbrant (2008, p. 215):

Os cavalos puxam o carro solar e estão consagrados a ele. O cavalo é o atributo de Apolo em sua qualidade de condutor do carro solar [...], que vai puxado por dois ou quatro cavalos. [...]. Desde os tempos pré-históricos o sol é representado dentro de um carro, significando o seu deslocamento. Tal como Mitra, Elias sobe ao céu num carro de fogo, puxado por cavalos.

Se os cavalos solares sempre são brancos, fica claro o simbolismo da carruagem real, em que os monarcas são o sol, o epicentro do império onde o sol nunca se punha. Chevalier e Gheerbrant (2008) esclarecem que ao

---

<sup>1</sup> The Royal Mews is part of the Lord Chamberlain's Office and is run by the Crown Equerry. The Royal Mews houses 30 carriage horses and has 38 staff including liveried helpers, coachmen, chauffeurs. There are two breeds of horses at the Royal Mews, Windsor Greys and Bays (the majority of which are Cleveland Bays). There are over 100 carriages in the collection, although not all of them are kept at Buckingham Palace. For the Royal Wedding, 14 sides of State Harness will be used with matching appointments for outriders. All the harness requires regular cleaning and polishing which is undertaken by Royal Mews staff in addition to their other duties. Disponível em: <https://www.royal.uk/wedding-carriages>. Acesso em: 20 abr. 2018.





vestir de branco, o cavalo deixa de ser lunar e ctoniano, tornando-se solar e adentrando o universo dos deuses bons e dos heróis.

Vale destacar que nessa representação visual, o veículo não tem lugar para o cocheiro. A condução é assumida por um cavaleiro lacaio que cavalga e conduz pelas rédeas o cavalo da esquerda, ao qual está atrelado o animal da direita. Obviamente, a origem desta alternativa pode ter sido tão somente a maior agilidade e segurança em viagens longas e cansativas por terrenos acidentados (vale lembrar que o cocheiro no carro controla os cavalos com as rédeas e a voz, enquanto um cavaleiro influencia seu animal também com o seu peso e a ação das pernas, ou seja, ele tem maior quantidade de recursos físicos à sua disposição em caso de necessidade). Porém, é interessante a ideia de que apenas o monarca apolíneo tem lugar no carro real, enquanto os cavalos que lhe empenham força e velocidade estão externos à carruagem. Destarte, o cavaleiro-condutor está mais próximo dos animais do que do rei divinamente ungido. E tal como eles, o cavaleiro-condutor torna-se ferramenta do desígnio real sem ser admitido ao panteão superior. Ver a representação visual (Fig. 1).

O fausto destes eventos existe desde a ascensão político-econômica do império britânico, a partir do século XVII, sendo amplamente documentado desde o advento da fotografia, depois com as imagens cinematográficas e televisivas. O evento retratado na foto, publicada no Caderno de Turismo de O Estado de S. Paulo, é o *Trooping the Colors*, a Revista da Bandeira, que acontece a cada mês de julho, comemorando o aniversário da Rainha. Como quase todas as funções oficiais da Família Real, esse também evento contribui para a manutenção da imagem da realeza britânica, atendendo a expectativa do público, mas igualmente gerando renda via turismo e retroalimentando as mídias, de modo geral. Todos os sentidos que elencamos passam a circular no *bios* midiático, vinculados também ao cavalo, pois eles são importantes coadjuvantes da cena, associando valores à realeza, como força e poder.



Há simbolismos atados à bandeira, à cor branca, ao cavalo branco que também podem ser reavivados. As bandeiras – inúmeras junto à realeza – reafirmam o poder da realeza para proteger seus súditos. Conforme Chevalier e Gheerbrant (2008, p. 119), “ela oferece proteção da pessoa, moral ou física, de quem ela é insígnia”. A cor branca, por sua vez, é a cor “da revelação, da graça, da transfiguração que deslumbra e desperta o entendimento, ao mesmo tempo em que o ultrapassa” (Chevalier e Gheerbrant, 2008, p. 144). O cavalo branco, por sua vez, para Chevalier e Gheerbrant (2008, p. 203), “representa o instinto controlado, dominado, sublimado”. Assim, novos valores são agregados à realeza, tais como sabedoria e poder.

Nesses momentos, a representação visual pode se fazer um *legissigno*, que tem nela uma réplica, por engendrar aspectos de lei, normas ou regras compartilhadas em uma cultura e relativos à monarquia e, em especial, à presença dos cavalos no contexto da realeza britânica. Os efeitos podem ser os emocionais, reativos e reflexivos, como anunciamos no decorrer da análise.

## 5 Considerações finais

A representação visual analisada conduz o intérprete a agregar valores à família real britânica, pelo fato que o cavalo branco está associado ao poder divino, à força, à ordem e à harmonia. Ela reaviva a imagem de cavalos de príncipes e heróis, de mundos de magia, de cavalos com poderes que ultrapassam a esfera dos poderes do animal real.

A compreensão do envolvimento do intérprete com os cavalos domésticos, à luz das três metáforas anunciadas por Sfez, deve ser a de livrar o intérprete de confundir a imagem do cavalo, possível de ser construída com o *bios* midiático, com o animal real. Para tanto, a experiência colateral do intérprete precisa ser alargada, ou seja, o seu repertório precisa ser ampliado, o que pode ser redimensionado também



pelas mídias. Nesse sentido, faz-se necessário rever a produção das notícias e de representações visuais relativas a cavalos, no caso, pelo jornal. Por que não tratar do processo de domesticação desse animal e rever criticamente os modos de sua apropriação pelo homem?

Deste modo, cabe aos profissionais – envolvidos com a produção de representações visuais – constatar a necessidade da produção de representações com maior poder de sugerir ou dar pistas para o bem-estar animal. Elas não podem ser vistas como meras ilustrações, ou meros registros. Constatamos que há sentidos latentes na sua materialidade, que vieram à tona numa análise semiótica, mas que não deixam de se atualizar quando circulam no *bios* midiático, pois alcançam incontáveis intérpretes. O potencial dessa representação visual de gerar interpretantes não se restringe aos que elencamos. Com eles, novos signos estão à baila para contribuir com a construção de ideias, crenças, ações e de futuros hábitos, que esperamos tenham como meta o bem-estar do cavalo doméstico.

## Referências

ACERVO. O Estado de S. Paulo. Disponível em: [http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada\\_1870.shtm](http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1870.shtm). Acesso em: 10 fev. 2017.

ALVES, Hellen Munique. **Corpo e linguagem na equoterapia: uma leitura psicanalítica**. 2015. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BRAGA, José L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. A., JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (Org.). **Mediação & midiatização**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 29-52.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 22 ed. São Paulo: José Olympio, 2008.

CLAYTON, Michael. **Prince Charles Horseman**. Londres: Stanley Paul, 1987.



DRIGO, Maria Ogécia; SOUZA, Luciana C. Pagliarini. **Aulas de semiótica peirceana**. São Paulo: Annablume, 2013.

HOFSTETTER, Angela D. **Lyrical Beasts**: Equine Metaphors of Class and Gender in Contemporary Hollywood Cinema. 2009. 268 f. Tese (Doutorado) – Indiana University, Bloomington, 2009. Disponível em: <https://pqdtopen.proquest.com/doc/304899607.html?FMT=AI>. Acesso em: 01 out. 2017.

JUNG, Carl G. **A Prática da Psicoterapia**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

KANE, Beverley. Day mares and night stallions – archetypes in the mythology of horses and horse dreams, 2004. Disponível em: <http://www.horsensei.com/publications/MythologyofHorses/index.html>. Acesso em: 15 fev. 2017.

LIMA, Daniel V. **Cada doma é um livro**: a relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandense. 2015. 146 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

LIMA, Roberto A. de S. Benefícios econômicos do bem-estar animal: estudo de caso. **Revista Brasileira de Medicina Equina**, v. 12, p. 26-27, 2017.

MAIOR JÚNIOR, Frank S. da S. S. **Da boca da noite à barra do dia**: as representações do cavalo marinho: o caso do boi ventania de Feira Nova – PE. 2014. 231 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis (Org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 51-79.

MENEZES, Karla M. **Vibrações de corpo inteiro na interface cavalo-cavaleiro em situações dinâmicas**. 2016. 71 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E DO ABASTECIMENTO. Revisão do Estudo do Complexo do Agronegócio do Cavalo. 2016. Disponível em: [www.agricultura.gov.br/assuntos/camaras-setoriais-tematicas/documentos/camaras-setoriais/equideocultura/anos-](http://www.agricultura.gov.br/assuntos/camaras-setoriais-tematicas/documentos/camaras-setoriais/equideocultura/anos-)



[anteriores/revisao-do-estudo-do-complexo-do-agronegocio-do-cavalo.](#)

Aceso em: 10 jan. 2018.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Thompson, 2002.

SFEZ, Lucien. **A comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SODRÉ, Muniz. **A antropológica do espelho - Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede**. 2 ed. São Paulo: Vozes, 2006.